

ITINERÁRIO PARA O ESTUDO DE HOMERO

André Malta (DLCV)

Nota de advertência

- (1). Traduções
- (2). Comentários
- (3). Guias e Introduções
- (4). Estudos e Interpretações
- (5). Homero em Perspectiva
- (6). Recepção

Nota de advertência

As obras selecionadas para este guia obedeceram ao critério geral de serem minimamente acessíveis ao leitor não proficiente no grego antigo, com exceção feita aos comentários à *Ilíada* e à *Odisseia*, que pressupõem, em sua maioria, o domínio da língua. Por esse motivo, omiti as referências linguísticas – edições, gramáticas, dicionários, sintaxes – e também deixei de fora os artigos (que, em geral, não traduzem o grego), restringindo-me a livros publicados em papel. Nenhum deles, contudo, é obra de divulgação, porque o público em mira aqui é o acadêmico. Procurei mapear, portanto, dentro da produção enfiada na área e ao mesmo tempo mais palatável, que não envolvesse o conhecimento da língua original, o que saiu de relevante nos últimos cem anos, cobrindo aspectos variados.

Nesse período, nos Estudos Clássicos, assim como em outras áreas, a língua inglesa tornou-se o veículo principal do conhecimento, para o bem (facilitando a comunicação ampla) e para o mal (uniformizando grande parte do que é produzido). O leitor, assim, não precisa saber grego, mas deve saber ler em inglês para ter acesso aos principais estudos sobre Homero. Minha lista, enxuta e claramente pessoal em certas

escolhas, está por isso mesma sujeita – em se tratando de uma poesia estudada há tanto tempo e em tantos idiomas – a muitas lacunas.

Na apresentação do material, não me ative à divisão que seria mais tradicional, segundo as diferentes áreas em que se repartem os estudos homéricos: história, antropologia, teoria oral, religião etc. Em vez disso, criei seis categorias por tipo de livro, indo do mais específico ao mais geral. Primeiro, trago a relação das diferentes versões dos poemas para o português, feitas a partir do grego (1); depois, comentários e análises (2); listo então alguns guias de consulta prática, seja da poesia homérica como um todo, seja da *Ilíada* ou da *Odisseia* em particular (3); em seguida, relaciono estudos e interpretações variadas, fundamentais para quem quer estudar Homero (4); apresento depois a lista dos livros que o situam dentro da visão mais ampla da literatura grega antiga (5); e concludo, por fim, com as referências que trazem os diferentes modos de se compreender a epopeia grega ao longo dos tempos (6).

Apenas nas “Traduções” restringi-me ao que saiu em português. Nos demais itens não me preocupei em listar obras publicadas originalmente em português ou que foram traduzidas para nossa língua – o critério da relevância se sobrepôs ao da acessibilidade pura e simples. Não há, infelizmente, bons “Comentários” e “Guias e Introduções” que possam ser lidos hoje diretamente no português, servindo de acompanhamento à leitura das traduções. Esses dois itens, os de número (2) e (3), talvez sejam os mais importantes dentro do que apresento a seguir, porque permitem ao interessado um mergulho prático e direto nas questões e problemas da *Ilíada* e da *Odisseia*.

A seção “Estudos e Interpretações” mereceria um desenvolvimento maior e reconhecimento que fui extremamente seletivo e subjetivo: listo aqueles livros que, em meu juízo, representam pontos altos, com as mais variadas abordagens. “Homero em Perspectiva” é um tópico fundamental, por trazer obras que exploram a épica dentro de uma visão “desenvolvimentista”, com o propósito de definir se, sendo ela supostamente a poesia mais antiga e primeira, é também primitiva, na acepção negativa do termo. Finalmente, em “Recepção” apresento alguns poucos trabalhos preocupados com o modo como Homero tem sido lido, desde a antiguidade até hoje.

Duas ressalvas finais. A primeira: “Homero” aqui está sempre restrito à *Ilíada* e à *Odisseia*, ou seja, não abordei os chamados “Hinos Homéricos” nem a épica grega

como um todo. E a segunda: meu objetivo, ao comentar os livros, foi sempre o de dar uma breve indicação de seus conteúdos e orientações, sem realizar uma leitura efetivamente crítica. Em todos os tópicos, coloco ao final as referências bibliográficas por extenso, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor/editor, indicando sempre o ano mais recente (pelo que pude apurar) em que os livros foram publicados. No total, sem contar o item (1), arrola 33 obras, número irrisório dentro do universo dos estudos homéricos, mas por isso mesmo ponto de partida útil para quem quer se situar e, eventualmente, se aprofundar nessa seara. O fato de a grande maioria das obras citadas trazer extensa bibliografia permitirá que o leitor enverede por onde lhe parecer mais interessante.

(1). Traduções

As traduções integrais de Homero para o português têm, felizmente, se multiplicado nos últimos anos. Até a década de 70 do século passado as opções eram poucas: em versos, a *Ilíada* e a *Odisseia* de **Odorico Mendes** (saídas em 1874 e 1928, respectivamente), recriadas em decassílabos comprimidos e de difícil compreensão para o leitor comum, por causa dos latinismos e neologismos; e, também poéticas, as versões dos dois poemas que começaram a circular nos anos 60, de **Carlos Alberto Nunes**, em hexâmetros aclimatados à nossa prosódia – no cotejo com as de Odorico, mais fáceis e mais coladas à estrutura repetitiva do grego, mas ainda assim com uma linguagem retrógrada. Em prosa e com boa fluência (para os que preferem ler Homero simplesmente como narrativa), havia duas traduções da *Odisseia*, a portuguesa de **Eusébio Dias Palmeira e Manuel Alves Correia**, de 1938, e a brasileira de **Jaime Bruna**, de 1976. A *Ilíada* de **Manuel Alves Correia**, também em prosa, de 1945, foi criticada por ser muito livre e afeita à paráfrase, não tendo merecido, pelo que pude verificar, nenhuma reedição posterior.

A situação se alterou bastante nos últimos 15 anos, com duas novas traduções da *Ilíada* e quatro da *Odisseia*. O poeta concreto **Haroldo de Campos** concluiu em 2002 a transposição da *Ilíada* em versos dodecassílabos, dentro do seu programa estético modernizante. **Trajano Vieira**, quase dez anos depois, em 2011, deu à luz uma *Odisseia* com a mesma orientação poética de seu mestre. Em Portugal, o helenista **Frederico Lourenço** publicou quase em seguida as traduções em versos livres e

elegantes (com espírito mais de prosa) dos dois poemas, a *Odisseia* em 2003 e a *Ilíada* em 2005. Essas traduções foram depois publicadas no Brasil, em 2011 e 2013. Aqui também saíram ainda duas propostas bem diversas: a versão da *Odisseia* de **Donald Schüler**, de 2007, em versos livres e com linguagem extremamente coloquial, e, da mesma *Odisseia*, a feita pelo helenista **Christian Werner**, também em verso livre, de 2014.

M. Alves Correia – *Ilíada*. Lisboa: Sá da Costa, 1945.

J. Bruna – *Odisseia*. São Paulo: Cultrix, 2013.

H. de Campos – *Ilíada*. 2 vols. São Paulo: Benvirá, 2010.

E. Dias Palmeira & M. Alves Correia – *Odisseia*. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

F. Lourenço – *Ilíada*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.

F. Lourenço – *Odisseia*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

O. Mendes – *Ilíada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

O. Mendes – *Odisseia*. São Paulo: Edusp, 2000.

C. A. Nunes – *Ilíada*. São Paulo: Hedra, 2011.

C. A. Nunes – *Odisseia*. São Paulo: Hedra, 2011.

D. Schüler – *Odisseia*. 3 vols. Porto Alegre: L&PM, 2007.

T. Vieira – *Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2014.

C. Werner – *Odisseia*. São Paulo: Cosacnaify, 2014.

(2). Comentários

O comentário ao texto antigo é, por assim dizer, o território em que melhor se revela a natureza da filologia clássica enquanto área do saber. A intenção é sempre percorrer a obra de forma minuciosa e analítica, destacando problemas de estabelecimento do texto, de língua e contextualização histórica. Por isso mesmo, costuma ser um terreno árido para o não especialista.

Da *Ilíada*, os dois mais influentes comentários ao longo do século XX foram o de **Walter Leaf**, publicado em dois volumes, em 1886 e 1888, mas com uma segunda edição revista em 1900 e 1902 (reimpressa até hoje), e o chamado **Comentário Cambridge**, publicado pela editora dessa universidade entre 1985 e 1993, em seis volumes, sob a coordenação geral de Geoffrey Kirk. O de Leaf traz a marca do enfoque “analista” prevalecente no século XIX, assim denominado porque buscava rastrear as camadas supostamente discerníveis na formação do poema. O de Kirk, que contou com a colaboração de mais quatro helenistas (Bryan Hainsworth, Richard Janko, Mark Edwards e Nicholas Richardson), já incorporava o novo olhar trazido pela Teoria Oral, surgida na primeira metade do século XX.

Já da *Odisseia* temos o comentário de **W. Stanford**, em dois volumes, saído em 1948, com uma segunda edição em 1958 (continuamente reimpressa), e o chamado **Comentário Oxford**. Produzido originalmente em italiano, foi publicado depois em inglês, em três volumes, pela editora da Universidade de Oxford, entre 1988 e 1993, sob o comando geral de Alfred Heubeck (e a colaboração de Stephanie West, Bryan Hainsworth, Arie Hoekstra, Joseph Russo e Manuel Fernandez-Galiano). Mais uma vez os enfoques são bem diferentes: o de Stanford está mais preocupado em destacar a unidade do poema, enquanto o mais recente – talvez pela presença dominante de Heubeck, ligado ao universo de língua alemã, onde a estratificação sempre foi pujante – busca coadunar oralidade com problemas de coerência e datação das partes.

Vale citar ainda, dentro dessa produção mais técnica, os dois comentários recentes de **Martin West**, o da *Ilíada*, de 2011, e o da *Odisseia*, de 2014. Em ambos os casos, West renega as contribuições principais da Teoria Oral e defende a volta ao modelo positivista do século XIX, por meio do qual pretende definir com precisão e lógica as questões de autoria, datação e composição dos poemas. No polo oposto se situa o comentário à *Odisseia* de **Irene de Jong**, de 2001: formada na escola narratológica, a helenista holandesa ignora a maior parte das questões típicas da filologia para investir nos detalhes de caracterização e nos mais variados recursos de construção da história.

Para o leitor sem o domínio do grego, há os comentários bastante acessíveis – ao mesmo tempo didáticos e iluminadores – de **Peter Jones**, que se baseiam em traduções para o inglês. Primeiro saiu o da *Odisseia*, em 1988, e depois o da *Ilíada*, em 2003. Ao contrário dos anteriores, os de Jones não acompanham os textos com tanta minúcia, mas

trazem boas introduções gerais a cada um dos 24 cantos da *Ilíada* e da *Odisseia*, além de explicarem passagens mais obscuras e referências mitológicas.

I. de Jong, *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

A. Heubeck et alii, *A commentary on Homer's Odyssey*. 3 vols. Oxford: Oxford University Press, 1988-1993.

P. Jones, *Homer's Iliad*. London: Bristol Classics, 2003.

P. Jones, *Homer's Odyssey*. London: Bristol Classics, 2013.

G. Kirk et alii, *The Iliad: a commentary*. 6 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1985-1993.

W. Leaf, *The Iliad*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

W. Stanford, *Odyssey*. 2 vols. London: Bloomsbury, 2013.

M. West, *The making of the Iliad*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

M. West, *The making of the Odyssey*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

(3). Guias e Introduções

São inúmeras as obras que pretendem traçar um panorama da poesia homérica, sob diferentes ângulos. Para esta seção, selecionei apenas seis, sendo quatro delas bastante gerais (cobrindo diferentes aspectos dos poemas, ou pretendendo abarcar sua totalidade) e duas específicas (uma voltada para a *Ilíada* e a outra para a *Odisseia*).

Durante muito tempo, o guia mais influente foi o *Companion to Homer*, organizado por **Alan Wace e Frank Stubbings**, de 1962 (nunca reeditado). A primeira parte trazia capítulos alentados sobre metro, estilo, língua, composição e transmissão, escritos por nomes como Maurice Bowra, Albert Lord e Leonard Palmer, mas um número bem maior de páginas era dedicado à segunda parte, concentrada em questões históricas e sobretudo arqueológicas, de interesse dos organizadores, que redigiram a maior parte desses capítulos.

Em 1997, também em inglês, saiu o *New companion to Homer*, editado por **Ian Morris e Barry Powell**. Agora o enfoque histórico e arqueológico ficava relegado a um segundo plano (a quarta e última parte), com as outras três focadas em problemas de interpretação, língua, estilo, narrativa e contextualização no universo mítico e épico da Grécia Antiga. Além dos organizadores, que contribuíram com um capítulo cada, outros 28 especialistas (como Martin West, Gregory Nagy, John Miles Foley, Joseph Russo, Irene de Jong, Andrew Ford, Jenny Clay, Egbert Bakker, Seth Schein e Arthur Adkins) foram chamados a escrever, o que resultou numa obra mais heterogênea do que a primeira.

Em escala menor, e dando mais destaque às questões de recepção, há ainda o *The Cambridge companion to Homer*, editado por **Robert Fowler**, de 2004, com a contribuição de especialistas como Donald Lateiner, Ruth Scodel, Jasper Griffin e Richard Hunter.

Mais recentemente, em 2011, saíram os três volumes da primeira enciclopédia dedicada a Homero (*The Homer encyclopedia*), sob coordenação de **Margalit Finkelberg**. São 1.360 verbetes, com a participação de mais de uma centena de especialistas. Com certeza, dentre as obras de referência, é a mais abrangente e de consulta mais fácil.

Como introdução à *Ilíada*, vale a pena ler o livro de **Mark Edwards**, *Homer – Poet of the Iliad*, de 1987. Na primeira parte o autor aborda características de estilo e da construção narrativa (com foco em seus padrões e estruturas repetitivas), e na segunda comenta, em texto corrido, os principais cantos do poema. Para a *Odisseia*, é bastante útil o trabalho de **Suzanne Saïd**, *Homer and the Odyssey*, de 2011 (uma versão expandida, em inglês, da edição original francesa, de 1998). O livro é organizado em onze capítulos, que abordam, além das figuras de Odisseu e seu filho Telêmaco, o papel das mulheres e a ideologia do poema, entre outros pontos. Nos dois casos, há exaustivos índices remissivos ao final, que facilitam a consulta do leitor.

M. Edwards, *Homer – Poet of the Iliad*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

M. Finkelberg, *The Homer encyclopedia*. 3 vols. London: Wiley-Blackwell, 2011.

R. Fowler (ed.), *The Cambridge companion to Homer* Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

I. Morris & B. Powell (ed.), *A new companion to Homer*. Leiden: Brill, 2011.

S. Saïd, *Homer and the Odyssey*. Trad. de Ruth Webb. Oxford: Oxford University Press, 2011.

A. Wace & F. Stubbings (ed.), *A companion to Homer*. London: Macmillan, 1962.

(4). Estudos e Interpretações

Difícil definir que obras fundamentais devem entrar numa lista como esta. Tenho certeza de que meus colegas concordariam de imediato com a presença de um ou outro título que apresento aqui – mas se espantariam com a presença de outros e teriam vários para sugerir (que eu jamais deveria ter deixado de lado). Não os escolhi, de todo modo, porque trazem enfoques mais “atuais” ou “corretos” que outras obras sobre a poesia de Homero, mas sim porque, além de serem bem escritos e claros, foram influentes no passado, ou ainda o são.

O primeiro nome dessa relação – pensando-se sempre nos últimos cem anos – é o de **Milman Parry**. Apesar de americano, sua tese de doutoramento, *O epíteto tradicional em Homero*, foi defendida e publicada na França, em 1928, e procurava, mais do que afirmar, *demonstrar* que a épica grega era criação tradicional, de natureza oposta à produção escrita e letrada. Traduzida para o inglês pelo seu filho, Adam Parry, ela saiu muito tempo depois, junto com os inéditos e os artigos publicados em vida (Parry morreu jovem, aos 33 anos), em *The making of Homeric verse – The collected papers of Milman Parry*, de 1971. Apesar dos desenvolvimentos que podemos acompanhar nos textos produzidos até sua morte, em 1935, pode-se afirmar que a tese ainda é o coração do seu trabalho: é de leitura surpreendentemente agradável, a despeito das tabulações e estatísticas (centradas nas repetições dos chamados “epítetos” da *Ilíada* e na *Odisseia*), e tornou-se fundamental para se entender os caminhos seguidos pelos estudos homéricos de setenta anos para cá.

Outra obra essencial dos estudos homéricos é *The singer of tales*, de 1960, escrita por **Albert Lord**. Discípulo de Parry, nesse livro Lord expõe o resultado do trabalho comparativo entre a épica grega e a servo-croata, ao qual Parry estava se

dedicando fazia três anos por ocasião de sua morte. Devido à sedutora analogia entre tempos e culturas diferentes (e ao distanciamento de problemas estilísticos e textuais específicos, marca da tese de seu mestre), foi um título com grande repercussão, tendo inclusive impactado fora do círculo sempre mais fechado da filologia clássica.

Saindo dos estudos estilísticos e passando para os linguísticos (mas ainda no plano da análise mais estrutural e formal), vale a pena citar, dentro do mesmo esforço de comparação, o trabalho de **Émile Benveniste**, *O vocabulário das instituições indo-europeias*, de 1969. Não se trata de uma abordagem exclusiva de Homero, mas seus poemas ocupam, na prática, posição central na obra, que aborda a economia, as relações sociais, a realeza, o direito e a religião dos povos oriundos do tronco linguístico que se convencionou chamar de “indo-europeu”. Com base em termos-chaves do vocabulário homérico, em confronto com outras línguas, Benveniste investiga as “instituições” que poderíamos discernir dentro dos poemas.

Como obra de história, preocupada em descobrir que sociedade da Grécia Antiga está refletida na *Ilíada* e na *Odisseia*, nenhuma foi mais popular que *The world of Odysseus*, de **Moses Finley**, saída em 1954 (com uma segunda edição revista em 1975). Embora a defendida associação entre o universo homérico e a chamada “Idade das Trevas” (séculos IX e X a.C.) seja objeto, ainda hoje, de muita controvérsia, o livro, praticamente sem notas de rodapé, é agradável de ler, e recobre com sensibilidade incomum tópicos como riqueza, trabalho, propriedade, parentesco e moral.

Entre as interpretações literárias, há, da *Ilíada*, o livro de **Jasper Griffin**, *Homer on life and death*, de 1980, com discussões menos técnicas e mais penetrantes, em torno de questões como simbolismo, caracterização, morte, emoção e o universo dos deuses. Da *Odisseia*, *Singers, heroes, and gods in the Odyssey*, de 1994, de **Charles Segal**, aborda o papel dos feácios no retorno de Odisseu, o emprego da ironia e da noção de glória, e o tema da justiça divina, numa linguagem um pouco menos acessível, mas com diversos insights iluminadores.

Para os que procuram volumes caleidoscópicos, com recolhas de artigos e capítulos de livros, três títulos se destacam. Editado por **Seth Schein** e saído em 1996, *Reading the Odyssey – Selected interpretative essays* traz contribuições de Pierre Vidal-Naquet, Jean-Pierre Vernant, Karl Reinhardt, Uvo Hoelscher e Pietro Pucci, entre outros. *Oxford readings in Homer’s Iliad*, organizado por **Douglas Cairns** em 2002,

traz ensaios de nomes como Walter Burkert, Richard Rutherford, Albin Lesky, Wolfgang Kullmann e Irene de Jong.

Por fim, há a monumental compilação feita pela própria **Irene de Jong** para a série “Critical assessments”, de 1999. São quatro volumes dedicados a Homero, totalizando duas mil páginas, com textos que, de uma forma ou de outra, foram relevantes nos últimos duzentos anos para os estudos da épica. A obra é dividida por temas, e dentro de cada um os ensaios são apresentados em ordem cronológica, o que permite que o leitor tenha uma ideia mais clara a respeito do modo como as abordagens críticas foram se sucedendo em cada subárea.

E. Benveniste, *O vocabulário das instituições indo-europeias*. 2 vols. Trad. de Denise e Eleonora Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

D. Cairns, *Oxford readings in Homer’s Iliad*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

I. de Jong (ed.), *Homer: critical assessments*. 4 vols. London: Routledge, 1999.

M. Finley, *The world of Odysseus*. New York: New York Review Books, 2002.

J. Griffin, *Homer on life and death*. Oxford: The Clarendon Press, 1986.

A. Lord, *The singer of tales*. Harvard: Harvard University Press, 2000.

A. Parry (ed.), *The making of Homeric verse – The collected papers of Milman Parry*. Oxford: Oxford University Press, 1971.

S. Schein (ed.), *Reading the Odyssey – Selected interpretative essays*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

C. Segal, *Singers, heroes, and gods in the Odyssey*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

(5). Homero em Perspectiva

Que estágio no desenvolvimento da mentalidade (ou do “espírito” grego) é refletido nos poemas homéricos? Essa é uma questão central nas obras arroladas abaixo, preocupadas que estão em discutir que mundo e que homem – em perspectiva histórica

– nos são apresentados em cada uma das epopeias, e se elas mesmas apresentam diferenças entre si (no caso de pertencerem a momentos diferentes de uma suposta marcha evolutiva). Esse tipo de abordagem, como se sabe, ganhou forma e influência com a filosofia hegeliana: por isso, dos quatro títulos que vou citar aqui, três foram redigidos originalmente em alemão. Não são obras que tratam apenas de Homero, mas, ao se posicionarem sobre sua poesia num tópico tão decisivo, foram extremamente influentes e são leitura indispensável.

O trabalho de **Werner Jaeger** foi o primeiro a criar uma ampla história da literatura grega, de viés evolutivo, e é de longe o mais popular entre o grande público. *Paideia – A formação do homem grego* saiu originalmente em três volumes, entre 1933 e 1947, ganhando tradução em várias línguas. À poesia de Homero são dedicados dois extensos capítulos do livro primeiro, “Cultura e educação da nobreza homérica” e “Homero como educador”.

De 1946 é a primeira edição de *A descoberta do espírito – A cultura grega e as origens do pensamento europeu*, de **Bruno Snell**, cujo primeiro capítulo, “A concepção do homem em Homero” (responsável por enxergar nos poemas uma percepção pré-unitária do corpo e do próprio “eu”), junto com a ideia de que os gêneros literários se sucederam na Grécia Antiga, foi uma das leituras mais difundidas entre os helenistas no século XX.

Finalmente, *Early Greek poetry and philosophy*, de **Hermann Fraenkel**, saído em 1951, traça a história da épica, da lírica e da prosa até o século V a.C., abordando a poesia homérica ao longo de oito capítulos, em que defende a posição de que a *Odisseia* é um poema posterior e mais “evoluído” que a *Ilíada*. Ainda assim, em comparação ao livro de Snell, de que é contemporâneo, é um trabalho menos esquemático e mais cauteloso.

Contra esse olhar dominante da evolução e da transformação contínua, surgiu, em 1971, *The justice of Zeus*, de **Hugh Lloyd-Jones**. Com foco no conceito grego de *dike* (“justiça”) – mas não só nele –, o livro recobre um arco que vai de Homero aos tragediógrafos, passando pelos líricos, os sofistas, Heródoto e Tucídides, sempre com o propósito de nuançar a ideia de um “espírito” que foi se descobrindo e afirmando.

H. Fraenkel, *Early Greek poetry and philosophy*. Trad. de Moses Hadas and James Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1973.

W. Jaeger, *Paideia – A formação do home grego*. Trad. de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

H. Lloyd-Jones, *The justice of Zeus*. Berkeley: University of California Press, 1983.

B. Snell, *A descoberta do espírito – A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

(6). Recepção

Os livros que tratam da recepção de Homero – isto é, das formas como foi lido criticamente e incorporado por outros escritores/artistas – podem ser repartidos em três grupos: os que se concentram na antiguidade; os que apresentam olhares abrangentes, de gregos e romanos até hoje; e os que se concentram na modernidade.

No primeiro grupo, temos a obra organizada por **Robert Lamberton e John Keaney**, *Homer's ancient readers – The hermeneutics of Greek epic's earliest exegetes*, de 1992. Com perfil mais técnico, ela traz capítulos que investigam, entre outros pontos, a contribuição dada pelos escólios (notas postas às margens dos manuscritos) ao nosso entendimento de Homero, bem como a leitura de Aristóteles, dos estoicos e dos alexandrinos, nos séculos III e II a.C.

No segundo grupo, destacam-se os trabalhos de **Howard Clarke** *Homer's readers – A historical introduction to the Iliad and the Odyssey*, de 1981, e *Ilíada e Odisseia de Homero – Uma biografia*, de **Alberto Manguel**, de 2007. Em ambos os casos, são apresentações panorâmicas escritas em linguagem acessível, que vão dos alegoristas antigos (que viam vários “símbolos” disseminados ao longo dos poemas homéricos), passando por Virgílio, Dante e Pope, até chegar aos séculos XIX e XX, com seus estudos acadêmicos.

Finalmente, dentro do último grupo, com foco na filologia do século XIX, há o livro de **John Myres**, *Homer and his critics*, de 1958. Para os interessados em uma apresentação da chamada “Questão Homérica” – o debate moderno sobre autoria, data e modo de composição da *Ilíada* e da *Odisseia* –, com uma exposição dos trabalhos de

Friedrich Wolf (de 1795, a primeira grande obra acadêmica sobre Homero) e Milman Parry, e da querela entre “analistas” e “unitaristas”, há meu *A Musa difusa – Visões da oralidade nos poemas homéricos*, que saiu em 2015. Vale destacar ainda os capítulos da parte final de *The Cambridge companion to Homer*, editado por **Robert Fowler**, já mencionado no item (3).

H. Clarke, *Homer's readers – A historical introduction to the Iliad and the Odyssey*. Newark: University of Delaware Press, 1981.

R. Lamberton & J. Keaney, *Homer's ancient readers – The hermeneutics of Greek epic's earliest exegetes*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

A. Malta, *A Musa difusa – Visões da oralidade nos poemas homéricos*. São Paulo: Annablume, 2015.

A. Manguel, *Ilíada e Odisseia de Homero – Uma biografia*. Trad. de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

J. Myres, *Homer and his critics*. London: Routledge & Kegan Paul, 1958.